



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar
Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani
Gonçalves Ávila

Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Manoel de Souza Maia

Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes
Luzzardi

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.
Élio Paulo Zonta

Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta
Trierweiler

Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso
Amaral

Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento

Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes

Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelon | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretora: Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profa. Dra. Márcia Janete Espig

Profa. Dra. Ana Inês Klein

Técnicos Administrativos:

- Paulo Luiz Crizel Koschier

- Ivoni Fuentes Motta

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2010

ISSN – 1516-2095

Tiragem: 300 exemplares

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.16, (dez. 2010). – Pelotas: Editora
da UFPel, 2010.
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

IMAGEM DA CAPA: Mercado Público Pelotense –
início do século XX. Fonte: Álbum de Pelotas de 1922.

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154
Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

Fone/Fax: (53) 3278-6765

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

e-mail: ndh@ufpel.edu.br

A INVASÃO DA ABISSÍNIA E O JORNAL A ALVORADA

THE ABYSSINIAN INVASION AND THE NEWSPAPER A ALVORADA

Alexandre Kohlrausch Marques¹

Resumo: A invasão da Etiópia pelas tropas italianas de Mussolini, em 1935, gerou uma onda de protestos por parte das comunidades negras do mundo todo. O país era, na época, a última nação africana livre, fato que acabou por torná-lo símbolo de resistência, autodeterminação e ancestralidade para negros do continente americano e da própria África. No sul do Brasil, em meio a esses protestos, destacou-se o grupo de intelectuais negros responsáveis pela produção do jornal *A Alvorada*, publicado em Pelotas, no Rio Grande do Sul. Este artigo tem como objetivo analisar e discutir as opiniões dos principais colaboradores do jornal a respeito do tema, assim como entender e avaliar o significado da Etiópia (ou Abissínia) no processo de constituição de uma identidade étnica em comunidades negras locais.

Palavras-chaves: Etiópia; Abissínia; imprensa negra; identidade étnica; afro-brasileiros.

A peculiar condição de “última nação africana livre” mantida pelo Império Etíope até a invasão fascista de 1935 foi responsável, juntamente com outros fatores, por tornar esse obscuro país, localizado no nordeste do continente, em um sinônimo de pertencimento e ancestralidade para povos negros da diáspora.² O fenômeno foi mais difundido no Novo Mundo, entre as comunidades de ex-escravos e seus descendentes, porém, também existiram expressões de tal identificação no interior da própria África, então dividida entre as potências europeias em impérios coloniais. A resistência etíope diante do colonialismo europeu e mesmo a ideia de um “Império Africano” de tradição e cultura milenar³ tornaram a Etiópia (ou Abissínia, como era usualmente referida no Ocidente em princípios do século XX) num símbolo

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq-Brasil.

² Sobre o grande interesse despertado entorno da Etiópia por parte de populações negras de diversos países, desde o início do século XX, Philip Mason declara, no prefácio do livro de Czeslaw Jésmán: “Os Rastafari na Jamaica, alguns grupos nos Estados Unidos e muitas seitas dissidentes na África do Sul têm se autodenominado *Etiópes*, porque para eles esse antigo império representa uma herança da qual sentem que foram defraudados. [...] Etiópia é a nação a que pertencem realmente; aqui está verdadeiramente a sua própria cultura.” (JÉSMAN, 1963, p.V).

³ Para um estudo completo sobre a história da Etiópia, ver HENZE (2000).

de 'africanidade' e de autodeterminação, especialmente para comunidades negras do continente americano.⁴

Graças a essa identificação, a agressão italiana à Abissínia, que iniciou-se a partir de outubro de 1935, gerou uma mobilização internacional por parte dos descendentes de africanos. Nos Estados Unidos da América, na Inglaterra, nas ilhas do Caribe e no mundo colonial africano foram realizados numerosos protestos contra a chamada 'guerra de conquista', comandada por Mussolini na África Oriental. Um grupo de intelectuais africanos e afro-americanos já haviam fundado em Londres, desde agosto daquele ano, a *International Friends of Abyssinia*. Nomes como o do queniano Jomo Kenyatta; dos antilhanos George Padmore, Ras T. Makonnen e C. R. L. James; do somali Mohamed Said e da jamaicana Amy Ashwood Garvey, esposa de Marcus Garvey, participaram da direção da organização, que arrecadava fundos para auxiliar a resistência etíope e buscava ampliar o apoio internacional a favor da Abissínia (AKPAN, 1979, p.747). Além disso, seus ativistas assinavam artigos e manifestos em diversos periódicos e realizavam comícios protestando contra Mussolini e o descaso da Liga das Nações diante da agressão da Itália.

No Brasil, a nascente 'imprensa negra' também denunciou a campanha na África Oriental e noticiou regularmente o andamento das hostilidades, procurando incentivar o engajamento pró-Etiópia entre os negros brasileiros. No Rio de Janeiro, o negro Orlando Ribeiro fez um apelo, através da imprensa carioca, "a todos os negros do Brasil, para angariar fundos a fim de auxiliar a Etiópia, na compra de armamentos, para repelir os invasores do século XX" (*A Alvorada*, 04/08/1935, p.2). Em São Paulo, há relatos de choques entre negros paulistas e imigrantes italianos, também por ocasião da Guerra na Abissínia. Nesta mesma cidade, no entanto, ocorreu a colaboração de antifascistas italianos e afro-brasileiros em atividades de oposição à guerra (BERTONHA, 2001, p.319).

No Rio Grande do Sul⁵, entre as comunidades negras que reconheciam a Etiópia como referência ao continente de origem, destacaram-se os responsáveis pela produção do jornal *A Alvorada*, de Pelotas (1907-1965). Este periódico foi um dos mais importantes da chamada "imprensa negra" do

⁴ Segundo GERMANO (1999, p.258), "Desde o século passado, a Etiópia apresentava um histórico de lutas e resistências ao sistema colonialista e estava associada à libertação do povo africano. Em 1896, por exemplo, apogeu do colonialismo europeu, a Itália tentara, de forma fracassada, invadir a Etiópia."

⁵ Para um trabalho completo sobre a repercussão da invasão da Etiópia na imprensa e meios intelectuais do Rio Grande do Sul ver MARQUES (2008).

período. Juntamente com *O Exemplo* (1892), de Porto Alegre, *A Cruzada* (1905), também de Pelotas, a *Revolta* (1925), de Bagé, e *A Navalha* (1931), de Santana do Livramento, o semanário *A Alvorada* desempenhou um papel pioneiro no que se refere à produção e circulação de jornais destinados às comunidades negras do Rio Grande do Sul, até a primeira metade do século XX (MELLO, 1995, p.91). Esses periódicos, no entanto, enfrentavam toda sorte de dificuldades para manter-se em circulação sem interrupções. A maioria deles circulou por um breve período e encerrou suas atividades logo em seguida. Nesse sentido, *A Alvorada* foi uma exceção: o semanário circulou, com breves ausências, de 1907 a 1965, sendo o jornal negro de maior longevidade no Brasil. Durante o conflito ítalo-etíope, portanto, o jornal pelotense encontrava-se em plena atividade. Nele, podemos verificar inúmeras referências à Etiópia, assim como um posicionamento por parte de seus colaboradores a respeito da invasão italiana ao país africano.

Como veremos, a Etiópia representou uma referência central no processo de constituição de uma identidade étnica de origem africana para o grupo de intelectuais negros⁶ que produziam a publicação. A proposta desse artigo é apresentar e discutir as posições e argumentos dos jornalistas que colaboravam em *A Alvorada* a respeito da invasão italiana à Abissínia, considerando que a intelectualidade negra pelotense se colocava como porta-voz da comunidade negra local e buscava articular símbolos de pertença étnica que, sob sua ótica, seriam capazes de mobilizar a referida comunidade (SANTOS, 2003, p.37 e 135). Analisando as opiniões dos autores sobre o tema é possível avaliar o papel e a importância da Etiópia enquanto elemento constituinte dessa identidade étnica afro-pelotense e a própria imagem particular que eles tinham do império negro.

Ao longo do ano de 1935, os jornalistas responsáveis pelo periódico publicaram uma série de artigos inflamados, geralmente estampados na capa do jornal, buscando manter informada a comunidade local a respeito da situação na África Oriental. Os dirigentes de *A Alvorada* procuravam juntar-se ao coro de protestos realizados pelas comunidades afro-americanas em favor

⁶ O conceito de *intelectual* presente nesse trabalho seguiu a definição de Antonio Gramsci, aplicada nesse contexto por SANTOS (2003, p.37) “aos indivíduos que, originários de uma classe ou fração desta, tomam pra si a tarefa, algo complexa, de organizar as ideias, anseios, questionamentos e problemas do grupo ao qual pertencem. Desta forma, os “intelectuais orgânicos” seriam intérpretes da vontade coletiva da comunidade à qual pertencem, teriam o papel de dirigir e encaminhar práticas objetivas e mobilizatórias que visassem a resolver os problemas ou a mudar uma realidade que lhes é desfavorável.”

da conservação da independência da Etiópia. Constantemente eram publicadas no jornal notas sobre a mobilização nos Estados Unidos da América, no Brasil e na própria África.

Os principais autores que abordaram o tema nos artigos publicados foram Rodolpho Xavier, Humberto de Freitas e Armando Vargas. O primeiro era um dos fundadores e articulista dos primeiros tempos do jornal, que permaneceu durante a década de 1930 como “o mais antigo colaborador”, além de uma das mais destacadas lideranças operárias da região. O segundo representava um grupo de jovens intelectuais negros que deram continuidade ao trabalho de militância e defesa da comunidade negra através do jornal em meados de 1930. Humberto de Freitas era, na época, tipógrafo, secretário geral da *Frente Negra Pelotense*⁷ e diretor do Sindicato dos Sapateiros. Armando Vargas, por sua vez, também era tipógrafo e representava, junto com Xavier, a “velha guarda da intelectualidade negra” que ajudou a fundar e manter o jornal em seu período inicial.

Sempre com títulos expressivos de indignação, os articulistas de *A Alvorada* condenaram a ação militar da Itália por diferentes motivos. A ‘guerra de conquista’, como era referida em grande parte das matérias veiculadas no semanário, representava, segundo seus autores, um crime bárbaro contra a civilização e as nações modernas: “Em pleno seculo XX, seculo das luzes e da civilização, voltamos às épocas antiquadas, das guerras de conquistas territoriais, como os babilônicos, os egípcios, os ukranianos, os macedonios, enfim, os países que se empenhavam em lutas terríveis levados por ambições na extensão de seus territórios” (*A Alvorada*, 02/07/1935, p.1).⁸

O principal alvo das críticas dos articulistas do semanário é, sem dúvida, o líder fascista Benito Mussolini. Caracterizado como um ambicioso ‘César romano’, ou mesmo comparado a Napoleão, ele é considerado o principal responsável pela crise internacional e pelo posterior massacre da população etíope. Sua postura diante dos tratados de amizade, em relação às demais potências e perante a Liga das Nações é amplamente atacada pelos autores. De certa forma, a figura do ditador fascista encarnava, na visão dos intelectuais negros de Pelotas, a essência do preconceito racial e a opressão em relação à raça negra como um todo. “O embarque fantástico de tropas italianas para as fronteiras africanas dão a entender que o *Duce* está no firme propósito de se atirar, de qualquer maneira, contra o império dos Negros, levado por

⁷ Entidade de representação política e cultural fundada em Pelotas em 10 de maio de 1933.

⁸ A grafia original dos artigos foi mantida.

uma ânsia de vingança contra a raça negra, a quem, pelo que se observa, odeia de morte” (A *Alvorada*, 25/10/1935, p.1).

A ideia de que a Itália realizaria uma ‘missão civilizadora’ ou mesmo viria libertar os negros da Abissínia de sua condição feudal também foi alvo de inúmeros protestos por parte dos escritores negros em Pelotas. Estes autores, em seus artigos, buscavam justamente apontar o ‘barbarismo’ da ação militar italiana, invertendo a questão ‘civilização *versus* barbárie’, tão presente na argumentação fascista. Como se vê nesse trecho do artigo “*Bárbaros*”:
“Mussolini não atendeu as leis da guerra e mandou bombardear cidades indefesas. Por que e para que? Porque os etiópicos não concordaram em continuar submissos. E para introduzir a civilização naquelles meios bárbaros. Civilizar com sangue é uma nova modalidade descoberta pela Itália. Talvez se volte contra ela no poderio da opinião pública mundial” (A *Alvorada*, 24/11/1935, p.1).

Humberto de Freitas, em outro inflamado artigo contra a agressão fascista na África, denuncia os pretextos apresentados pelo governo italiano para justificar a invasão. Ao mesmo tempo em que critica o líder fascista, o autor ressalta o caráter colonialista da guerra.

O Duce, o mesmíssimo ministro-rei, que assistiu impassível, como todo o mundo ao golpe altivo e arrogante de Hitler, rompendo todos os tratados e compromissos assumidos pela Alemanha com os Aliados da Grande Guerra; agora alegando reinar a completa anarquia na Abissínia envia para as fronteiras da Etiópia os seus exércitos poderosos, que alias, não amedrontam a grande Nação dos negros africanos. O motivo pelo qual quer a Itália massacar os negros, não se justifica. Apenas patenteia que o móvel do conflito Italo-Abissínio é a conquista de colônias africanas (A *Alvorada*, 09/06/1935, p.1).

Os autores dos artigos, na verdade, acusavam o governo fascista de preparar um verdadeiro saque às supostas riquezas do império negro, ou seja, as motivações da guerra entre a Itália e a Abissínia, eram, na visão dos autores de *A Alvorada*, de natureza puramente econômica. Dessa forma, os articulistas buscavam denunciar e contestar as justificativas apresentadas pelo governo italiano, tentando chamar a atenção de seus leitores para os ‘verdadeiros objetivos’ de tal campanha militar. Conforme o artigo assinado por Humberto de Freitas,

Os invasores miseráveis, querendo ter mais extensão territorial para seu povo, querem roubar as terras dos negros da Abissínia. E não é só as terras. É o ouro, os cereais, o café – e disem – os lençóis de petróleo, existentes no sub-solo do império do pacífico e ao mesmo tempo valoroso Negus⁹ [...] Mussolini quer as

⁹ *Negus Negast* (‘Rei dos Reis’, em amárico) era o título tradicional dos imperadores

terras dos negros da África por que é na África que reside o futuro da Europa. (*A Alvorada*, 13/10/1935, p.1)

A escalada armamentista protagonizada pelo regime fascista italiano também causava certa apreensão nos autores que escreviam no jornal pelotense. Esses autores temiam que a conflito italo-abexim provocasse uma nova conflagração mundial, além de representar um retrocesso nas relações diplomáticas do pós-guerra. Em seus artigos apareciam menções à ascensão de Hitler na Alemanha e ao desrespeito deste com relação aos tratados assinados junto às demais potências europeias. A decisão do governo italiano em conquistar a Etiópia era vista como um passo na direção de uma reedição dos 'horrores de 1914'. Antes mesmo de iniciar-se a ação militar propriamente dita, Rodolpho Xavier já anunciava as consequências nefastas das pretensões italianas e do militarismo que tomava vulto na Europa de então, demonstrando descrença na Liga das Nações e no respeito aos tratados internacionais.

Para a Abissínia de nada valerá seus diplomatas, e nem o areópago europeu, caricata associação de interesses mútuos ridicularizada pelo Japão, pela Alemanha e pela Itália em proveito de seus interesses. [...] Eis o que se passa na China, na Abissínia e amanhã ou depois, quem sabe quem tocará a vez? Não há apelos de direito nem de justiça que sirvam. Os *grous*¹⁰ armamentistas repartem a presa quanto é maior, e quando não chega para todos, esperam pela oportunidade que não virá longe – a maior guerra de todos os tempos. Ahi, então, transformarão as fronteiras da Europa, repartindo talvez o mundo inteiro, e o que não enguliram desta vez após a hecatombe de 1914 desaparecerá em suas guelas hiantes e devoradoras. [...] Não é da justiça dos povos que emana a força do direito: é dos apetrechos bélicos que irrompe o direito da força. (*A Alvorada*, 17/07/1935, p.2)

Já o regime fascista italiano foi constantemente caracterizado pelos articulistas de *A Alvorada* como manipulador, militarista e fanático, como pode-se perceber nesse trecho, em artigo de autoria de Humberto de Freitas:

A Itália, depois de ter fanatizado seu povo com a doutrina do sr. ministro Mussolini, o homem que manda mais que o próprio Rei, armou seus filhos e tornou-se uma das maiores potências do Universo. Na voragem armamentista, belicosa e sanguissudenta, o duce, graças ao partido dos fascistas de camisas pretas, mobilizou homens, mulheres e crianças, para realizar seus planos sinistros promovendo como acontece agora, verdadeiras lutas armadas, que nada mais são, do que simples e condenáveis guerras de conquista. (*A Alvorada*, 09/06/1935, p.1)

Durante a guerra da Abissínia, além das acusações à Mussolini, outro

etíopes. Sobre a origem do termo e seus significados, ver: KABISHANOV (2010, p.403).

¹⁰ *Grou* é uma ave peralta típica da Europa e da Ásia.

personagem recebeu inúmeras críticas por parte dos jornalistas pelotenses: o *Ras Gugsa*. O comandante etíope havia passado para o lado do invasor, levando consigo parte do numeroso exército que comandava. Referido como o 'Judas da Abissínia', entre outros títulos menos honrosos, o nobre abexim teria sido seduzido pelas promessas do *Duce* em torná-lo imperador da Etiópia após o término da campanha. O *Ras Gugsa*, que era genro do *Negus*, desertou logo nas primeiras semanas após as tropas italianas terem violado a fronteira etíope. Na época, sua capitulação foi amplamente explorada pela imprensa italiana. (BAKER, 1979, p.35)

O ato de traição protagonizado pelo *Ras Gugsa* foi duramente condenado pelos intelectuais negros pelotenses. Rodolpho Xavier, após mencionar alguns famosos traidores na História Universal¹¹, sentencia em seu artigo:

Ver talar a sua pátria, sufocar sua liberdade, surrupiar a sua independência e trair a causa mais sagrada que é a defesa de sua pátria, de suas tradições, de seu passado heróico de lutas é o ato mais abominável que o indivíduo pratica até contra as próprias leis da natureza. [...] o gesto do ras Gugza será o borrão de ignorância estampado na História da Abissínia para que as gerações futuras saibam quem foi o maior infame que traiu a própria pátria. (*A Alvorada*, 03/11/1935, p.1)

Já a figura do imperador etíope Hailé Selassié I é constantemente evocada como uma liderança heróica e motivo de orgulho para a raça negra. O antigo costume dos imperadores etíopes de liderar seus exércitos no campo de batalha foi saudado pelos escritores do jornal por diversas vezes, como prova de bravura e determinação do povo abissínio e de seu líder em defender a pátria.

Para demonstrar o grande amor que tem pelo seu povo, o imperador Sellazié, abandonando as comodidades de seu palácio e a tranqüillidade de seu lar e, mesmo a contragosto da população, seguiu para a linha da frente, a assumir o comando geral de suas forças, e investir contra a onda invasora, a onda sinistra que impiedosamente massacra populações indefesas, incendiando, matando crianças e mulheres! Negus não teme a morte pela salvação de sua heróica e invencível Abissínia! (*A Alvorada*, 13/10/1935, p.2)

Outro personagem importante e que também foi considerado herói durante o conflito Ítalo-Abexim foi o aviador norte-americano Johannes Robinson. O aviador serviu nas forças etíopes como voluntário e a imprensa mundial costumava publicar com destaque seus feitos durante a guerra. Os

¹¹ Entre os personagens históricos citados pelo autor estão Efialto, Domingos Calabar e Jean-Baptiste Bernadotte.

colaboradores de *A Alvorada* acompanhavam com entusiasmo as notícias a respeito do “herói negro” e constantemente reproduziam trechos de matérias de outros jornais a seu respeito¹². O artigo “*Um grande herói Johannes Robinson*” anunciava com otimismo:

Desde a grande guerra de 1914, que se conhece os grandes feitos guerreiros do exímio aviador negro norte-americano Johannes Robinson quando a serviço daquele país. Agora, servindo na aviação da África Oriental, Robinson provou a sua bravura, transportando correspondência dos chefes militares para o imperador. Atacado por dois aviões do carrancudo Duce, demonstrou sua superioridade [...]. E este feito foi uma grande e formidável vitória etiópica, que provou que a Itália no decorrer da luta será derrotada pela quarta vez. Viva a África! Viva Salassié! Viva a raça Negra! (*A Alvorada*, 13/10/1935, p.6)

Por outro lado, uma das notícias que mais causou protestos entre os articulistas de *A Alvorada* foram as declarações do Papa Pio XI justificando a conquista em “nome da salvaguarda dos tesouros cristãos”. Segundo Loner (2001, p.254) o jornal possuía certo viés católico, o que não impediu seus colaboradores de tecerem críticas agudas contra o Vaticano em seu apoio ao fascismo. Diante das matérias da imprensa mundial, de que os capelães de Roma abençoavam a aviação italiana que partiria para a Etiópia, Armando Vargas assina um exaltado artigo.

Não vemos dúvida em afirmar que o Vaticano em vés de forçar, em nome de Deus, a cessão do derramamento de sangue entre irmão, fortalece e acende a fogueira da destruição, da morte de mulheres e inocentes crianças, o maior crime, o mais hediondo dos banditismos até hoje praticados contra um povo laborioso e pacato! Onde está a Santidade do Sumo pontífice? Será que Deus na sua infinita bondade, está contra a África? Não acreditamos! Afirmamos apenas, que, tanto o Papa como o Duce, estão com sede de conquistar terras alheias pela força das armas! [...] Não é essa a verdadeira religião ensinada por Jesus Christo. (*A Alvorada*, 20/10/1935, p.1)

Cerca de um mês depois, em artigo assinado por Humberto de Freitas, o jornal volta a criticar a posição da Igreja Católica, em função das manifestações públicas de apoio à Itália, agora protagonizadas pelo arcebispo metropolitano, Dom João Becker: “Mas agora, estas notícias, da parcialidade do Clero, não nos vem de lóngo. Em *Porto Alegre*, o arcebispo D. João Becker, pronunciou um discurso justificando o massacre na Etiópia, e resou preces em favor da vitória da Itália, a conquistadora de terras e inimiga numero 1 das nações pequenas!” (*A Alvorada*, 17/11/1935, p.1). A posição de Freitas se torna tão

¹² As matérias referidas eram comumente produzidas por agências de imprensa estrangeiras e reproduzidas nos jornais de maior circulação do Rio Grande do Sul a época: o *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias*. A autoria das matérias ou o veículo em que foram publicadas não aparecem em *A Alvorada*.

radical a ponto do autor afirmar que o Vaticano estaria sustentando financeiramente a guerra na Etiópia. Pra defender tal ponto de vista, Humberto de Freitas apresenta nesse artigo um longo histórico das relações entre Etiópia e Roma e termina afirmando que a guerra é, sobretudo, um acerto de contas pelas vitórias do imperador Menelik II sob os italianos, em 1896, e pela expulsão dos jesuítas da Etiópia, em 1636.

Um dos aspectos mais importantes nas matérias e artigos produzidos em *A Alvorada* é a ideia de que os abissínios, de fato, venceriam a guerra, mesmo em desvantagem de armamentos e sob precária organização militar. Para tal visão, geralmente era citado o fato de que a Abissínia sempre repeliu seus invasores e lembrava-se a batalha de Adwa, em 1896, quando o exército de Menelik II venceu as tropas italianas que tentavam conquistar o império etíope. O clima inóspito do país e seu relevo acidentado, aliado ao espírito guerreiro dos abissínios, fariam da Etiópia uma oponente difícil de ser batida na visão dos redatores do semanário. O autor mais entusiasmado em relação a uma vitória etíope foi Armando Vargas, como se pode perceber no trecho: “[...] Tenho certeza que a Abissínia saberá honrar as suas tradições guerreiras, enfrentando heroicamente o invasor do seu sagrado território, a quem dará a mais brilhante lição, quebrando o orgulho de um potentado” (*A Alvorada*, 29/09/1935, p.2).

O mesmo autor, em outro artigo exaltado, conclama os negros brasileiros a protestarem contra a invasão, buscando imprimir ao acontecimento um valor universal para as populações de origem africana.

A pretensão da Italia, ou melhor, do sr. Mussolini, deve merecer nosso protesto, o protesto unanime das populações negras de todos os continentes e de todas as nações civilizadas que habitam esse planeta terreno. [...] Daqui destas colunas, sem receio de contestação nem cousa alguma, lanço meu protesto fervoroso, contra esse abominavel atentado à Abissínia e contra a guerra de conquistas, esperando que os homens de côr do Brasil, todos unidos, lancem seu brado de protesto contra esse monstruoso crime que a Italia pretende perpetrar (*A Alvorada*, 02/06/1935, p.1-2).

As demonstrações de solidariedade à causa etíope pelo mundo também eram reproduzidas e comentadas nas páginas do jornal. Em artigo intitulado “*Solidariedade de Raça*”, Zé Américo apresenta com entusiasmo as manifestações pró-Abissínia que tiveram lugar no Japão. Após atacar a ideia supostamente científica de hierarquização das raças, o autor celebra o apoio japonês ao império do Negus, com algum exagero:

Belo exemplo de solidariedade de raça, vem-nos do povo japonês. Nos panfletos publicados no Japão, lê-se tópicos expressivos e sinceros, vibrantes e desasombrados, como estes: “*Nós outros japoneses, que pertencemos a uma raça*

chamada de cor, não podemos consentir que as tropas italianas esmagem a Etiópia devido a injustiça dos estados brancos.” A simpatia do povo nipônico pela valorosa Abissínia toma enorme vulto, provocando verdadeiro entusiasmo nacional (*A Alvorada*, 04/08/1935, p.2).

Em outra matéria sobre o conflito africano, Armando Vargas encerra o texto reproduzindo o noticiário de um jornal norte-americano que relatava incidentes envolvendo negros e descendentes de italianos nas ruas de New Jersey. Segundo a nota, o motivo da briga foi a discussão entorno da guerra da Etiópia e a recente vitória do pugilista negro Joe Louis sobre o italiano Primo Carnera. Vargas finaliza o artigo afirmando: “A solidariedade à Abissínia é universal, dada a simpatia da causa” (*A Alvorada*, 25/08/1935, p.1).

Humberto de Freitas acompanha o entusiasmo de Vargas com relação a uma vitória dos abissínios e elogia a postura defensiva que o governo de Hailé Selassié tomava diante dos preparativos militares italianos. No artigo “*Os Italianos querem eliminar os negros da Abissínia*”, o autor constata:

O gesto louvável, humano e prudente do governo Abissínio, apelando continuamente para a Liga das Nações, no sentido de evitar a guerra, parece que foi tomado pelo sanguinário Mussolini como uma demonstração de fraqueza. Mas o povo africano há de mostrar não só a Itália como ao mundo inteiro, o valor de sua heróica Raça! A Abissínia não é uma nação de covardes (*A Alvorada*, 09/06/1935, p.1).

As tradições guerreiras do povo abissínio e seu sucesso em repelir, ao longo dos séculos, os invasores de seu território também parecem ter motivado o poema “*Negro*”, de autoria de Odilon de Coimbra. O poema foi publicado originalmente no jornal *Correio do Paraná* e reproduzido na capa de *A Alvorada*, durante o mês de novembro de 1935. No trecho do final do poema aparecem menções diretas ao conflito, num momento de franco avanço das tropas fascistas sob o território etíope.

[...] Negro civilizado das cidades
 Negro descalço dos sertões longínquos
 Dos desertos ferventes, das aldeias
 Dos pântanos, das selvas, das montanhas
 Dos penhascos soturnos da Abyssinia
 [...] Negro nativo, negro que tens pátria
 Que és dono do teu solo, sem roubá-lo
 Sem havê-lo usurpado de ninguém
 [...] Abandona o cachimbo, o remo, o arado!
 Deixa a pá, larga a enxada, larga tudo!
 Corre afoito pro cabo da espingarda!
 Aprende o maquinismo da engrenagem
 E vira esse feitiço ao feiteiro
 Que pretende esmagar-te a fogo e aço!

Sê o herói, neste drama de conquista!
Mostra ao mundo que negro também vive
Que negro também nasce para a luta
E não se submete a imperialismos!
(*A Alvorada*, 24/11/1935, p.1)

A visão particular que a maioria desses intelectuais negros tinha a respeito da Etiópia era, de certa forma, idealizada¹³. Sempre descrita como um país valoroso, um povo trabalhador, pacífico e corajoso, os negros pelotenses não conheciam (ou ignoravam) os problemas históricos da Abissínia, como a exploração de seus camponeses pelos *Rases*¹⁴, as lutas internas entre as diversas etnias que compunham o Império, os conflitos religiosos, a dominação exercida pela Igreja Copta e a miséria em que vivia a imensa maioria da população do país.¹⁵ Da mesma forma, a figura de ‘heróis negros’ também foi explorada pelos autores que escreviam no jornal. Esses personagens (Menelik II, Hailé Selassié I, Johannes Robinson, entre outros) são constantemente exaltados e encarnam virtudes como a bravura, a honra, a liderança e o patriotismo. Diante de seus anseios e na tentativa de elevar a auto-estima dos negros em geral, a figura de uma Etiópia forte e resistente é que realmente se impunha. Assim, os ‘heróis’ são apresentados como símbolos do orgulho negro e modelos de conduta para a comunidade negra local, na opinião dos autores. A exceção talvez seja Rodolfo Xavier. Esse autor costumava mencionar em seus artigos o estágio semi-bárbaro em que viviam as populações no interior da Etiópia. Seus argumentos de defesa à independência do país se dão mais no sentido da solidariedade humana, do pacifismo, da crítica às ambições italianas e à desigualdade de armamentos entre os países em conflito em lugar de uma visão idealizada do império negro.

Na medida em que a ocupação fascista vai se tornando uma realidade, os autores que escrevem no jornal passam do apoio e da crença inicial que depositavam na Liga das Nações à crítica aberta contra esta organização. No artigo “*Guerra de Conquista?*”, Armando Vargas ataca a incapacidade de

¹³ Para Germano (2010, p. 32), a representação *utópica* da Etiópia entre os afro-americanos de forma geral expressava, sobretudo, seu desejo de igualdade, liberdade, justiça e afirmação étnica. Assim, o império etíope seria uma espécie de “Terra Prometida” onde esses anseios são simbolicamente realizados.

¹⁴ *Ras* é um título de nobreza etíope. Os *Rases* eram chefes militares locais que deviam lealdade e obediência ao *Negus*. Em contrapartida, exerciam o poder sobre a massa de camponeses que habitavam as províncias do império. Sobre a tradicional organização política e social do império etíope ver AKPAN (1985, p.289).

¹⁵ Sobre os históricos conflitos entre etnias e/ou religiões no interior da Etiópia, ver SILVA (2002, p.573-612).

Genebra em garantir o respeito aos tratados assinados entre as nações, afirmando que na verdade a Liga não passava de um órgão que visava garantir os interesses imperialistas das grandes potências europeias. Grande parte do artigo foi baseado na leitura do livro *A Questão Abissínia e a situação europeia*, do escritor comunista Karl Radek¹⁶. Como o autor afirma nesse trecho: “A Liga das Nações, que nunca resolveu coisa alguma, demonstrou, mais uma vez, que não tem autoridade, que nada representa e que ninguém a respeita como entidade máxima das nacionalidades. Tudo quanto tem feito até hoje, tem redundado em fracasso vergonhoso, se não é tapeação do imperialismo e capitalismo agonizante.” (*A Alvorada*, 06/10/1935, p.1)

Os autores que colaboravam em *A Alvorada*, permaneceram confiantes na resistência abissínia ainda nos primeiros meses depois da eclosão do conflito, quando o exército italiano conquistava com facilidade vastas regiões da Etiópia. Armando Vargas, o articulista que mais apostava nas tradições guerreiras do país, mantinha sua convicção a respeito de uma vitória do *Negus*, mesmo depois da imprensa internacional apresentar notícias sobre violentos bombardeios e numerosas baixas pelo lado abissíneo. O autor sentenciava:

A queda de algumas aldeias não é uma vitória final da luta. A África desperta e nesse despertar bafejado pela simpatia do mundo civilizado e julgamento do próprio Deus – a guerra, com todos os seus horrores, com todas as suas desgraças, será vencida pela heróica África Oriental, embora tenha que se levantar de seus próprios escombros uma nova África, mais forte, mais rica e mais respeitada! (*A Alvorada*, 13/10/1935, p.2)

Infelizmente, não sabemos quais foram as reações da intelectualidade negra de Pelotas diante da queda do império etíope e do posterior exílio de Hailé Selassié I em Londres, uma vez que os exemplares do periódico durante o ano de 1936 não foram recuperados. Possivelmente os articulistas de *A Alvorada* permaneceram firmes em seus protestos contra o imperialismo italiano e assistiram perplexos às catástrofes que se sucederam na Europa e no mundo posteriormente, as quais eles mesmos haviam anunciado.

Além das menções diretas ao conflito ítalo-abissíneo, publicadas em artigos no semanário durante o ano de 1935, foram encontradas algumas referências à Etiópia que indicam o reconhecimento, por parte dos articulistas do jornal, deste país como um símbolo de africanidade. Num artigo do jornal que trata de uma visita de negros paulistas para a fundação da *Frente Negra Pelotense*, aparece da seguinte forma: “Estamos na época das ‘Frentes únicas’,

¹⁶ Karl Radek (1885-1939) foi um escritor e líder bolchevique de origem judaico-polonesa.

cabendo a todos se defenderem. [...] É certo que, estando à frente desse movimento reivindicador os maiores intelectuais da **raça etiópica paulista**" (apud SANTOS, 2003, p.163). Em outra ocasião, num anúncio sobre a aprovação de dois estudantes negros nos exames para admissão no Ginásio Pelotense, o jornal escreve: "dois futuros baluartes da **raça etiópica pelotense**" (apud SANTOS, 2003, p.182). Na mesma edição do jornal, agora em uma matéria que celebrava a filiação do professor Francisco de Paula Alves junto à *Frente Negra Pelotense*, o jornal sentenciava: "mui digno, acatado homem de letras e catedrático de Português no Ginásio Pelotense [...] orgulho da **família etiópica de Pelotas**". (apud SANTOS, 2003, p.183). Em 1935, foi publicado no jornal *A Alvorada*, de Pelotas, um retrato do célebre abolicionista José do Patrocínio. Nas legendas da gravura lê-se: "José do Patrocínio: O grande abolicionista da **raça etiópica**" (*A Alvorada*, 05/051935, p.3).¹⁷ Essa ilustração foi publicada em maio, próxima à data oficial das comemorações da Abolição. O próprio jornal ainda não havia publicado nenhum artigo a respeito da crise italo-etíope, que na época se restringia às discussões diplomáticas entre a Itália, Inglaterra e França. Este fato parece indicar que o uso do termo na ocasião não teria relação direta com a questão italo-abexim.

A maioria dos autores que escreveram no periódico durante a década de 1930 (incluem-se aí Rodolpho Xavier, Armando Vargas, Humberto de Freitas, José Penny, Dario Nunes, Miguel Barros, Antonieta Ávila, entre outros) utilizaram genericamente os termos "raça etiópica", "povo etiópico" e/ou derivados como sinônimo de *negro*. Os exemplos são incontáveis. O autor que talvez mais tenha se utilizado dessas expressões foi o jovem escritor José Penny. Já Rodolpho Xavier utilizava, na maioria das vezes, o termo "raça africana" ou mesmo "raça negra". Porém, também encontramos em seus artigos a expressão em questão, em mais de uma ocasião. Seu uso parece bem difundido na comunidade e nos arredores de Pelotas, na época. Prova disso é o anúncio de fundação da sociedade negra *União Etíope Cacimbinhense*, no município de Cacimbinhas¹⁸, em julho de 1933 (*A Alvorada*, 16/07/1933, p.2).

Parecia haver certa rejeição por parte dos negros pelotenses do uso do termo *negro*. As colunas de fofocas do periódico publicavam inúmeros relatos de indivíduos negros ou mulatos que sentiam vergonha ou desprezo por sua ascendência africana. Uma das constantes reclamações e denúncias presentes nas páginas de *A Alvorada* era em relação a dificuldade ou mesmo recusa de certas pessoas da comunidade em se assumirem como negras, preferindo utilizar outros termos, considerados menos pejorativos. Sobre o assunto, o

¹⁷ Grifos meus.

¹⁸ Atual município de Pinheiro Machado-RS.

artigo intitulado “*Negro!*”, escrito por Armando Vargas, sentenciava: “Eis o termo que choca o “eu” de muita gente “bonita”, que devido a não sei o quê, não gostam de ouvi-lo por que se recentem quando se profere tão sublime palavra? Que na sua singeleza representa o nome de uma raça que foi superior a toda maldade a ela infligida” (*A Alvorada*, 28/01/1934, p.8). Outro artigo, agora de autoria de Rodolpho Xavier, seguia na mesma direção: “somos ou não somos negros, e se não somos o que é que somos? Vermelhos, amarelos, bronzeados? É um termo “pejorativo”, alegam; mas por causa disso mesmo que o empregamos, em toda a latitude de seu significado, para que desapareça o “pejorativo” da expressão” (*A Alvorada*, 23/07/1933, p.1).

O uso de termos como “*povo etiópico*” talvez surgisse como alternativa ao termo *negro*. O movimento pan-africanista do início do século XX, surgido nos Estados Unidos da América, Caribe, Inglaterra e colônias inglesas, estabeleceu uma discussão muito semelhante, que demonstra como o termo *etiope* era utilizado de forma mais ampla pelos afro-descendentes, em geral. J. E. Casely Hayford, escritor e ativista negro da Costa do Ouro (atual Gana) protestou, em 1906, contra o uso do termo *negro* ou *nigger* da seguinte forma: “nenhuma raça que tem auto-respeito deve submeter-se a ser chamada por nomes oprobriosos [...] Nós somos *etíopes* – africanos. Assim somos conhecidos desde os dias de Heródoto e Homero” (apud NASCIMENTO, 1981, p.38). Casely Hayford, por outro lado, via com muito entusiasmo a independência da Etiópia frente aos impérios europeus na África. Assim, publicou em 1911, o livro *Ethiopia Unbound* (Etiópia Desacorrentada) dedicada “aos filhos da Etiópia do mundo inteiro” (apud AKPAN, 1985, p.286), sugerindo que a Etiópia era, simbolicamente, a pátria-mãe dos africanos.

Esse assunto foi motivo de intensas discussões nas páginas de *A Alvorada*. A suposta “origem etiópica” dos negros era defendida por uns e desmentida por outros escritores do semanário. Os debates em torno da agressão fascista na África Oriental colocaram o assunto na ordem do dia. Num artigo de Rodolpho Xavier, intitulado “*Origem Etiópica*”, o autor busca esclarecer a origem de tal expressão, a qual considerava enganosa:

Em geral, no Brasil, a raça descendente de africanos é tida e havida por etiópica. Desconhedora, em sua quase totalidade, de sua verdadeira origem a raça afro-brasileira pavoneia-se de **etiópica** cuja região não contribuiu com um unico especimem para o tráfico de escravos, não só para o Brasil como para toda América.[...] Raça “chamita” e como tal considerada ramo da raça branca, a raça etiópica, ancestral dos abissínios, escraviza negros de outras procedências, considerados por eles, inferiores a sua raça (*A Alvorada*, 07/07/1935, p.2).

O autor afirma que o uso equivocado do termo ‘etiópico’ para referir-se

aos africanos escravizados na América foi iniciado pelo Visconde de Cairú. Outros escritores também teriam difundido o termo posteriormente. Xavier prossegue afirmando que os negros que foram trazidos como escravos para o continente americano nada tinham a ver com a Etiópia: “sabe-se, perfeitamente, que a zona abastecedora de escravos tanto para o Brasil quanto para as colônias hespanholas, inglesas e francezas, não era na Etiópia se bem que na alta Abissínia existissem negros, como nos assevera o escritor francez Paul Bert”¹⁹ (*A Alvorada*, 07/07/1935, p.2). O artigo prossegue com a transcrição de comentários de um jornalista dos Estados Unidos da América, identificado apenas pelo nome de Manfred, sobre o envio de soldados negros norte-americanos para a África, onde foram lutar em ‘auxílio de seus irmãos abissínios’. Nesses comentários, que aparecem grifados por Xavier, o jornalista estadunidense afirmava que os verdadeiros irmãos dos descendentes de escravos na América eram os negros que habitavam a África Central e que os abissínios, além de se considerarem brancos, escravizavam os negros na Etiópia.²⁰ Esse dado parece ser fundamental para Xavier, uma vez que, dentre os colaboradores do jornal, ele era um dos poucos que havia nascido antes da Abolição da Escravatura, em Pelotas. Por fim, aparece um alerta de Xavier aos negros pelotenses que se diziam ‘etiopes’: “O grifo é nosso, mesmo para chamar a atenção dos que se acham iludidos em sua boa fé. Tal é a origem etiópica dos descendentes africanos, brasileiros...De *etiopicos* não temos nada” (*A Alvorada*, 07/07/1935, p.2).

Em outro artigo, algumas semanas antes, Rodolpho Xavier havia versado sobre as origens históricas da Abissínia, onde afirmara que os abissínios não eram negros:

Sem espírito de raças, porquanto a Abyssinia não é propriamente paiz de negros, descendentes que são de ethiopes e que os antigos situavam ao sul do Egitto e da Lybia, e como diz Nina Rodrigues, pertencem a um ramo da raça branca: “De facto a primeira discriminação a fazer entre os verdadeiros negros e os povos chamitas que, mais ou menos pretos, são todavia um simples ramo da raça

¹⁹ Paul Bert (1833-1886) foi um fisiologista, médico e político francês.

²⁰ Tasfaye Zaphiro, um jovem secretário do embaixador etíope em Londres, em visita à Nova York para trabalhar junto às organizações pró-Etiópia dos EUA, se pronunciou contra os comentários da imprensa norte-americana, que colocava sob suspeita a ‘negritude’ dos etiopes. Em dezembro de 1935, Tasfaye declarou em um comício, realizado na Abyssinian Baptist Church, diante de três mil pessoas: “Está sendo dito que nós desprezamos os Negros. Em primeiro lugar, vocês não são Negros. Quem disse a vocês que são Negros? Vocês são filhos e filhas da África, sua terra natal, que os chama agora a ajudar seu último povo livre” (apud SCOTT, 1978, p.127). O termo ao qual Tasfaye Zaphiro se refere e critica, no texto original, é *Negroes*, considerado pejorativo pelas lideranças afro-americanas do Harlem.

branca e cuja alta capacidade de civilização se atestava excelentemente na antiga cultura do Egípto, da Abissínia, etc" (*Alvorada*, 16/06/1935, p.2).²¹

É interessante notar que o autor cita Nina Rodrigues, médico e etnólogo maranhense famoso por suas posições racistas e defensor da eugenia. Isso talvez se deva por Nina Rodrigues ser um dos poucos autores que escreveu sobre os negros no Brasil, na virada do século XIX para o século XX. Apesar de considerar os negros inferiores, nutria por eles uma curiosidade, o que levou a registrar uma série de escritos "científicos" sobre os africanos no Brasil e suas práticas sociais e religiosas.

Duas semanas depois, o articulista Humberto de Freitas apresenta uma resposta contundente ao debate iniciado por Rodolpho Xavier sobre a "origem etiópica", a escravidão no Império Etíope e a 'negritude' dos abissínios. Num artigo chamado "*A Itália e os negros da Abissínia*" o autor relata:

Com a próxima guerra entre os conquistadores de terras e a valorosa Etiópia, vem novamente a baila uma velha questão etnológica. São os abissínios, negros ou brancos? São negros – dizem uns. São brancos – afirmam outros. Os etíopes, mais ou menos pretos, são todavia, brancos – contestam ainda, outros mais. Até hoje o povo abissínio, é o que a gente quer que o seja. Negro. Branco. Ou pretos-brancos ao mesmo tempo. Com os egípcios foi a mesma coisa (*A Alvorada*, 28/07/1935, p.1).

Depois de apresentar alguns dados e opiniões gerais de historiadores e etnólogos sobre a discussão em torno das origens do Egito e da Etiópia antiga, o autor se debruça sobre os argumentos apresentados nos artigos de Rodolpho Xavier, nos quais, entre outros pontos, a negritude dos etíopes é colocada em questão. Em primeiro lugar, Freitas discute o problema da escravidão no Etiópia.

Há, até hoje, os que creem não ser os abissínios, negros, pelo fato de ter existido até poucos dias, escravos pretos na Abissínia. No entretanto, esquecem estas pessoas que na antiguidade as nações vencidas tornavam-se escravas das nações vencedoras, após as guerras de conquistas, iguais as que a Itália, revivendo o tempo dos bárbaros, está promovendo hoje, contra a valorosa Abissínia. Não atacam as nações da raça branca outras nações da raça branca? Não travam lutas as nações da raça amarela, contra outras nações da raça amarela? As tribus de pele vermelha não atacam as outras tribus de peles vermelhas? Povos da raça

²¹ Segundo TIBEBU (1996, p.418-419), o 'mito' de que os etíopes pertenciam a um ramo da raça branca foi criado após a batalha de Adowa, pois a partir do fracasso do exército italiano diante das tropas de Menelik II, as convicções racistas do imperialismo europeu a respeito da superioridade branca haviam sido abaladas. Assim, os etíopes passaram a ser descritos pelos europeus como 'negros caucasianos' e o próprio imperador Menelik II começou a ser referido como grande estadista.

branca, não escravizam povos da raça branca? Porque então, nos admirar de que negros escravisassem os próprios negros? (*A Alvorada*, 28/07/1935, p.1).

Aqui, a argumentação de Freitas se desenvolve no sentido de demonstrar que a escravidão não é uma prática exclusiva de nenhuma cultura, povo ou etnia, e tampouco pode ser utilizada como prova de superioridade racial de um povo em relação a outro. Nesse ponto, em particular, o autor se distancia de uma visão idealizada do império negro, muito comum nos artigos veiculados em *A Alvorada*, uma vez que admite que os abissínios também escravizavam outros povos no interior do seu império. Sobre a Etiópia e o tráfico transatlântico de escravos, o autor declara: “Consideram que os etíopes não são negros, porque de fato a Etiópia não exportou escravos. Se esqueceram essas pessoas que os negros abissínios sempre foram altivos e repeliram, qualquer investida estrangeira!” (*A Alvorada*, 28/07/1935, p.1-2).

A seguir, o autor critica, de forma irônica, os argumentos de Nina Rodrigues e suas considerações sobre a antiga civilização abissínia: “Bastou, para dizer-se que os egípcios e abissínios fossem brancos, o fato de se ter encontrado no Egito e na Abissínia vestígios de uma antiga Civilização, o que não poderia ser feita por negros...” (*A Alvorada*, 28/07/1935, p.2).

Por fim, Humberto de Freitas realiza mais um apelo em favor da luta da Etiópia, apresentando um trecho do discurso de Mussolini, onde o *Duce* deixa clara sua concepção de superioridade latina em relação aos africanos:

‘Quero repetir que os soldados italianos sempre derrotaram as raças negras. Aduá constituiu uma exceção, onde quatro mil italianos lutaram como loucos contra cem mil abexins.’ O *Duce* está convencido de que a Itália vai conquistar as terras dos negros abissínios. Os abexins, são para os italianos, simplesmente um povo negro. [...] Não esqueçamos: os italianos querem eliminar os negros da Abissínia. (*A Alvorada*, 28/07/1935, p.2).²²

Pode-se observar um apurado senso crítico neste artigo. Também devemos chamar a atenção para o uso da expressão *negros abissínios* em diversas passagens do texto de Freitas, deixando explícito seu posicionamento diante da questão. Rodolpho Xavier não publicou uma réplica posteriormente, aparentemente dando por encerrada a discussão. Analisando a tônica e o conteúdo da polêmica, podemos afirmar: Rodolpho Xavier tinha um interesse marcante pela erudição, como pode-se atestar em diferentes artigos de sua autoria, ao longo de toda a existência do periódico. O velho militante frequentemente se remetia a estudos científicos, livros e jornais estrangeiros para esclarecer questões aos seus leitores e embasar suas opiniões. Já

²² Aspas e grifos no original.

Humberto de Freitas, bem mais moço que Xavier, estaria mais interessado em defender símbolos de pertença étnica – no caso, a Etiópia – no sentido de mobilizar a comunidade negra local, não se preocupando muito com detalhes históricos e científicos, embora em alguns momentos também demonstre amplo conhecimento sobre esses assuntos. A ação política parece ser sua principal preocupação.

Na verdade, o debate dos autores em torno do tema havia se iniciado muito antes do surgimento da questão italo-abissínia no centro da política internacional. Humberto de Freitas já havia dedicado um longo artigo versando sobre a negritude dos egípcios, em junho do ano anterior.²³ Xavier também dedicara, na mesma época, uma matéria a respeito da representação da Rainha de Sabá no cinema norte-americano. Na ocasião, o autor criticava a escolha de uma atriz branca para encarnar a lendária soberana etiope. Fazendo menção a pesquisas arqueológicas recentes, o próprio Xavier defendia que os abissínios eram negros, no artigo em questão:

Ainda há poucos meses, quando se tratou de representar no cinemografo um personagem com a rainha de Sabá, que mais provavelmente devia ter sido negra, apelaram para o concurso da atriz Betty Blythe. [...] Entretanto, os sábios, explorando a antiga Etiópia, descobriram, no Sudan Egípcio, um grupo de túmulos que abrigavam vinte reis e cinco rainhas que imperavam sobre Sabá. Pinturas, baixos relevos e esculturas torna impossível a menor dúvida. Esses soberanos e soberanas eram negros como seu povo. Mas o preconceito continuará a atribuir uma face branca a bela visitante de Salomão (*A Alvorada*, 15/07/1934, p.1).

A história da Etiópia antiga também parecia causar certo fascínio sobre os intelectuais negros pelotenses. Constantemente esses autores faziam menção às lendas abissínicas ou a episódios da história desse país, demonstrando certa erudição e estudo sobre o tema. Armando Vargas, em um artigo que comentava um suposto projeto de emenda constitucional que ‘proibia a imigração de outros povos que não são brancos’ para o Brasil, nos apresenta um exemplo daquilo que Guimarães (2004, p.14) chamou de ‘afrocentrismo’, ou seja, a ideia de que as origens da civilização ocidental estão no Egito e na antiga Abissínia: “Diz-se que foram os brancos que fizeram Atenas, Roma, Paris, etc. Mas com quanta infelicidade invocam pontos para afirmar sua superioridade. Invocar a Grécia antiga, a bela civilização grega. A Grécia que teve seus princípios, suas bases no ocidente e no Egito e que admirava e cultuava a cor da Etiópia. A cor negra, que para eles era nobre” (*A Alvorada*, 25/02/1934, p.1).

²³ Para mais detalhes, ver ‘O Egito e a Raça’ (*A Alvorada*, 24/06/1934, p.1).

Os debates no interior das páginas de *A Alvorada* em relação à origem etiópica, ou mesmo sobre o uso ou não desses termos para definir a comunidade negra local, também apontam para as nuances e os limites da identificação da Etiópia como símbolo de africanidade por parte dos negros pelotenses, de forma mais ampla. Comentando uma carta de um leitor recebida pela redação, a coluna *Pesquei*, mantida por Juvenal Penny sob o pseudônimo de 'Dr. Pescadinha' e que tratava de assuntos referentes ao cotidiano da comunidade, dizia: "Pesquei – certas pessoas dizerem que não querem mais assinar o jornal porque este só trata agora da crise e do massacre dos pretos abissínios" (*A Alvorada*, 18/08/1935, p.3). No mês de outubro de 1935, quando se iniciaram as hostilidades na África Oriental, a coluna novamente relatava, em tom de protesto, a indiferença com que alguns membros da comunidade negra pelotense encaravam a invasão italiana à Etiópia: "Pesquei: um fiasco que houve num baile, quando um orador falou na Abissínia, alguém disse, aqui tratamos de carnaval. Pelo que vimos não importa a muita gente o selvagem massacre dos negros" (*A Alvorada*, 20/10/1935, p.4).

Mesmo diante dessas evidências que apontam para as limitações a respeito dos usos e da difusão da dita 'identidade etiópica' entre a comunidade negra local, é inegável que a intelectualidade negra pelotense se mobilizou e protestou de forma veemente contra a invasão italiana à Etiópia. Foram mais de vinte artigos publicados no periódico entre junho e dezembro de 1935 – a maioria estampados na capa da publicação. Vale destacar também que na ocasião do cinquentenário do jornal, Rodolpho Xavier apresentou, em linhas rápidas, alguns dos episódios mais marcantes da trajetória da publicação. Ao lado de eventos importantes da mobilização operária e da comunidade negra de Pelotas, o autor mencionava com orgulho os protestos realizados nas páginas do semanário durante o episódio da invasão italiana à Abissínia (*A Alvorada*, 05/05/1957, p.1).

A despeito da origem operária e da escassez de recursos culturais e econômicos de que estavam submetidos esses indivíduos, a impressão que temos sobre seus posicionamentos a respeito da guerra africana é de que, além de um razoável nível de informação que demonstravam ter sobre a realidade política internacional, o jornal que produziam funcionava mais como um espaço de discussão e debate do que um órgão meramente informativo ou mesmo doutrinário. O jornal publicava livremente as opiniões de seus autores e estes não tardavam em criticar ou desmentir fatos e opiniões de seus pares quando achavam pertinente. É fato notório então perceber a coesão de opiniões e protestos em favor da Abissínia por parte dos autores, de diferentes gerações, visões políticas e vivências individuais. A perspectiva central da maioria deles foi de que tratava-se de uma guerra 'contra a raça negra', o que

necessariamente exigia um protesto dos negros do mundo todo. Da mesma forma, o viés católico que o jornal aparentemente possuía não o impediu de veicular duras críticas à Igreja Católica, ao Papa e ao arcebispo metropolitano Dom João Becker, por apoiarem publicamente a causa da guerra fascista na África. Além disso, o periódico negro mantinha constante diálogo com a comunidade a qual era destinado. As críticas dos leitores às posições dos colaboradores do jornal eram publicadas, comentadas e, algumas vezes, rebatidas.

Referências Bibliográficas

A Alvorada – Pelotas, 1934-1935.

AKPAN, Monday B. Libéria e Etiópia, 1880-1914: a sobrevivência de dois Estados africanos. In: BOAHEN, A. Adu (Coord.). *História Geral da África vol. VII*. Paris: Ática/Unesco, 1985. p. 263-294

BARKER, A. J. *A conquista da Etiópia: sonho de um Império*. Rio de Janeiro: Renes, 1979.

BERTONHA, João Fábio. *O Fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BOAHEN, A. Adu (Coord.). *História Geral da África VII*. Paris: Ática/Unesco, 1985.

GERMANO, Íris Graciela. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação (Mestrado em História), 1999.

_____. Negros em Movimento: Etiópia, resistência cultural e afirmação étnica na pós-emancipação. In: *Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2010. Vol.18, nº I. p.30-45.

GUIMARÃES, Antônio S. A. Intelectuais negros e Modernidade no Brasil. In: *Working Paper Number CBS-52-04*. Center of Brazilian Studies, Oxford, 2004. p. 1-64.

HENZE, Paul B. *Layers of Time: A History of Ethiopia*. New York: Palgrave, 2000.

JÉSMAN, Czeslaw. *The Ethiopian Paradox*. London: Oxford University Press, 1963.

KOBISHANOV, Y. M. Axum do século I ao século IV: economia, sistema

político e cultura. In: MOKHTAR, Gamal (ed.). *História Geral da África II* – 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p.399-423.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária-UFPel, 2001.

MARQUES, Alexandre Kohlrausch. "A questão Ítalo-Abissínia": os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação (Mestrado em História), 2008.

MELLO, Marco Antônio Lírio de. "Para o recreio da raça", a imprensa negra no RS. In: SEFFNER, Fernando (org). *Presença Negra no RS*. Cadernos Porto & Vírgula 11. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1995. p.90-97.

NASCIMENTO, Elisa K. *Pan- africanismo na América do Sul*. Petrópolis: Vozes, 1981.

SANTOS, José Antônio dos. *Raiou "A Alvorada": intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)*. Pelotas: Editora Gráfica Universitária, 2003.

SCOTT, William R. Black Nationalism and the Italo-Ethiopian conflict, 1934-1936. In: *Journal of Negro History*. Vol. 63, No. 2 (Apr., 1978), p. 118-134.

SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

TIBEBU, Teshale. Ethiopia: The "Anomaly" and "Paradox" of Africa. In: *Journal of Black Studies*, Vol. 26, No. 4 (Mar., 1996). p.414-430.

Abstract: The invasion of Ethiopia by the Italian troops of Mussolini in 1935, generated a wave of protests from the black communities of the whole world. The country was at the time, the last free African nation, fact that became a symbol of resistance, self-determination and ancestry for blacks of the American continent and Africa itself. In the south of Brazil, among these protests, the group of black intellectuals were distinguished for the production of the periodical *A Alvorada*, published in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul. This article has the objective to analyze and argue the opinion of the main collaborators of the periodical regarding the subject, as well as understanding and evaluating the meaning of Ethiopia (or Abyssinia) in the process of constitution of an ethnic identity in the local black communities.

Keywords: Ethiopia, Abyssinia, black press, ethnic identity, afro-brazilians.
